

ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DOS PADRÕES DE ORDENAÇÃO DE CLÍTICOS PRONOMINAIS MEDIANTE DADOS DIACRÔNICOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL ESCRITO¹

Daniely Cassimiro de Oliveira Santos (UFRJ)

E-mail: s.cassimiro@uol.com.br

1. Introdução

Este trabalho, cujos pormenores aqui se apresentam, tem por escopo o tratamento da ordem pronominal averiguada na modalidade escrita da variedade brasileira do Português (PB), testemunhada no decorrer dos séculos XIX e XX.

Mediante essas palavras preliminares, ateste-se que o estudo efetuado intenta deprender as normas que, de modo efetivo, presidem o fenômeno da colocação dos pronomes átonos em ambientes constituídos de lexias verbais complexas (LVC), ou seja, domínios em que se verifica a presença de dois ou mais verbos que revelam, entre si, certo grau de integração sintático-semântica. Isso posto, a pesquisa descrita ocupa-se do processo de cliticização tendo em vista quatro posições do átono pronominal, quais sejam: (i) *pré-LVC* [Aqui *se pode investigar*]; (ii) *intra-LVC com hífen* [*Pode-se investigar*]; (iii) *intra-LVC sem hífen* [*Pode se investigar*]; (iv) *pós-LVC* [*Pode investigar -se*].

É, pois, em face desse propósito que se visa a descrever os contextos linguísticos e extralinguísticos mais proeminentes à ordenação dos pronomes átonos.

Esta análise, de caráter variacionista, comunga com os princípios apreçados pela Sociolinguística Laboviana (cf. WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968, por ex.), bem como com os parâmetros de cliticização propostos por Klavans (1985).

No que respeita à legitimidade dos dados de que se vale este exame empírico, é oportuno registrar que se adota como *corpus* de estudo uma coletânea de romances de renomados autores da Literatura Brasileira, cujas obras foram publicadas no ínterim dos séculos XIX e XX.

Com base no modo como as gramáticas brasileiras abordam o tema da colocação pronominal, tendo supostamente como paradigma a realização lusitana (cf. SCHEI, 2003; SANTOS, 2010, por ex.), a pesquisa pretende contribuir, a partir de descrições e análises criteriosas, por apresentar a efetiva identidade linguística do padrão culto do Português do Brasil mediante sua escrita literária nos séculos em menção.

Concebem-se, assim, as produções textuais examinadas como ambientes profícuos para a análise que se efetua, isso porque tais escritos se traduzem em contextos apropriados para o estudo e a descrição dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos motivadores do processo variável, permitindo a obtenção de dados das variantes contempladas, dados esses que são submetidos a um tratamento estatístico-computacional que elege o Pacote de Programas GOLDVARB-X como instrumental responsável por fornecer, dentre outras informações, os índices matemáticos da regra de colocação.

Após essas palavras introdutórias, tome-se, a seguir, em maiores detalhes, o arcabouço teórico em que a presente investigação se alicerça.

2. Fundamentação teórica

Pautando-se no princípio sociolinguístico que autentica a língua como um sistema, por excelência, de variação intrínseca não-arbitrária (WEINREICH, LABOV &

¹ A investigação, ora elucidada, dispõe do apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

HERZOG, 1968), a presente análise compreende a ordem dos clíticos pronominais como um fenômeno de legítima variação.

Parte-se do pressuposto de que o comportamento variável dos pronomes átonos – que constitui a variável dependente – é motivado por fatores internos e externos à própria língua, ou seja, as variáveis independentes. Em outras palavras, condicionamentos linguísticos (estruturais) e extralinguísticos (sociais) presidem a regra variável, consoante o que ficou conhecido, na Teoria da Variação e Mudança, como o “problema das restrições” (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972). Desse modo, considerando-se os fatores constitutivos da variável dependente no âmbito das lexias verbais complexas, investigam-se os grupos de fatores – as restrições – possivelmente responsáveis pelo condicionamento do fenômeno em variação.

A propósito da trajetória das variantes da ordem dos clíticos pronominais no decorrer dos séculos XIX e XX, o trabalho adota, ainda, a premissa sociolinguística de que toda mudança pressupõe variação, embora nem toda variação concorra, necessariamente, em mudança linguística (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1994).

Conjugado ao aporte variacionista, o estudo lança mão de um dos parâmetros de cliticização proposto por Klavans (1985), o chamado “parâmetro da precedência”. Partindo do pressuposto de que as formas clíticas (partículas átonas) ocorrem ligadas a um elemento sintático específico (seu hospedeiro), a autora propõe que as línguas do mundo podem ser caracterizadas quanto à posição dos clíticos – antes ou depois – em relação a esse elemento sintático. Tendo os pronomes átonos do Português o verbo como hospedeiro sintático, interessa à investigação observar os fatores que determinam a ligação entre o clítico e o verbo nas posições pré-LVC, intra-LVC com hífen, intra-LVC sem hífen e pós-LVC, no que tange aos registros de complexos verbais.

3. Metodologia

A respeito das fontes empregadas para a investigação do evento variável, faz-se saber que os *corpora* adotados se constituem de vinte romances de renomados autores² da Literatura Brasileira praticada no decurso dos séculos XIX e XX. As obras literárias contempladas distribuem-se a partir das seguintes fases: (a) século XIX – **fase 1** (1834-1866), **fase 2** (1867-1900); (b) século XX – **fase 3** (1901-1933), **fase 4** (1934-1966), **fase 5** (1967-2000).

No que tange ao tratamento estatístico dos dados de colocação pronominal extraídos dos textos examinados, emprega-se, como instrumental de análise, o pacote de programas GOLDVARB-X, recurso que disponibiliza as seguintes informações: (a) o índice de aplicabilidade da regra variável da ordem dos clíticos pronominais, isto é, a distribuição geral das variantes analisadas; (b) a frequência, os valores absolutos e percentuais, bem como os pesos relativos de cada fator da variável dependente; (c) as variáveis linguísticas e extralinguísticas relevantes e não relevantes ao condicionamento do fenômeno em análise; (d) o influxo, ou seja, o cruzamento entre grupos de fatores.

Ressalte-se que as ocorrências de clíticos pronominais atestadas nos *corpora* estudados foram observadas em função das variáveis linguísticas e extralinguísticas estabelecidas na análise variacionista. Discriminam-se, pois, os grupos de fatores controlados:

² De modo a arrolar os autores cujos romances se contemplam nesta análise, citam-se: (i) **Século XIX** – Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Bernardo Guimarães, Júlia Lopes, Raul Pompéia, Aluísio Azevedo, Machado de Assis; (ii) **Século XX** – Afonso Arinos, Rachel de Queiroz, Lima Barreto, Euclides da Cunha, Dinah Silveira de Queiroz, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Nélida Piñon, Lygia Fagundes Telles, Érico Veríssimo e Jorge Amado.

- *Variáveis linguísticas*: natureza da oração, possíveis elementos proclisadores, distância entre clítico-LVC e proclisador, tempo e modo das formas (semi-) auxiliares, tipo de clítico, número de formas (semi-) auxiliares, forma do verbo principal, elementos intervenientes no complexo, tipo de complexo verbal.
- *Variáveis extralinguísticas* – época/fase de publicação das obras adotadas; “vozes” do romance, autores contemplados, gênero/sexo dos escritores.

4. Resultados

As constatações, aqui apresentadas, advêm de uma análise criteriosa de um total de 191 registros de LVC. O estudo do posicionamento dos átonos pronominais em ambientes de lexias verbais complexas se instaura – haja vista a consideração da forma do verbo principal – em três instâncias analíticas, quais sejam: posicionamento do pronome em ambientes de complexos (i) gerundivos, (ii) participiais e (iii) com verbo principal no infinitivo. Isso dito, expõe-se, abaixo, a esquematização que demonstra o caráter distribucional dos dados observados:

Total de LVC no PB dos séculos XIX e XX: **191 dados**



→ LVC com gerúndio: 23 dados	→ LVC com participípio: 29 dados	→ LVC com infinitivo: 139 dados
Ex.: Pouco a pouco uma vida nova [...] <i>se foi esboçando</i> . [GrR-PB-LVC-42]	Ex.: Apesar de <i>haver-lhe frequentado</i> o leito [...]. [NP-PB-LVC-52]	Ex.: Sentia <u>não</u> <i>poder atendê-lo</i> . [NP-PB-LVC-52]

A segmentação dos dados pelas três subamostras discriminadas baseia-se no comportamento diferenciado da colocação dos clíticos não só sugerido em compêndios gramaticais, mas também corroborado em estudos descritivos de amostras variadas. Esclarece-se que, por motivo dos poucos números de dados de lexias verbais complexas integradas por verbo principal no participípio e no gerúndio, consideram-se, neste trabalho, apenas os índices percentuais de colocação em complexos constituídos de infinitivo.

No que concerne à distribuição das variantes do fenômeno de colocação em ambos os séculos investigados, exibem-se, abaixo, os seguintes números percentuais da ordem de pronomes no âmbito de lexias verbais complexas infinitivas:

Lexias Verbais Complexas			
Português do Brasil			
Pré-LVC cl v1 v2	Intra-LVC v1-cl v2	Intra-LVC v1 cl v2	Pós-LVC v1 v2-cl
11%	7%	18%	64%

Tabela 1: Distribuição geral das variantes no PB dos séculos XIX e XX, no domínio das LVC com infinitivo

Em face dos índices expostos, merecem especial atenção aqueles correspondentes às colocações intra-LVC com e sem hífen, haja vista que a variante não hifenizada (**v1 cl v2**), considerada como uma inovação do PB (cf. PAGOTTO, 1992, por ex.) e não descrita nos manuais normativos, ocorre com uma frequência considerável de 18 pontos

percentuais. De modo a exemplificar os registros de **v1-cl v2** e **v1 cl v2**, examinem-se os dados selecionados:

Ex.: [...] *podia-se jurar* que lá se achava Gonçalo [...]. [BG-PB-LVC-19]

Ex.: Um homem que se preza não *deve se entregar*. [JLR-PB-LVC-42]

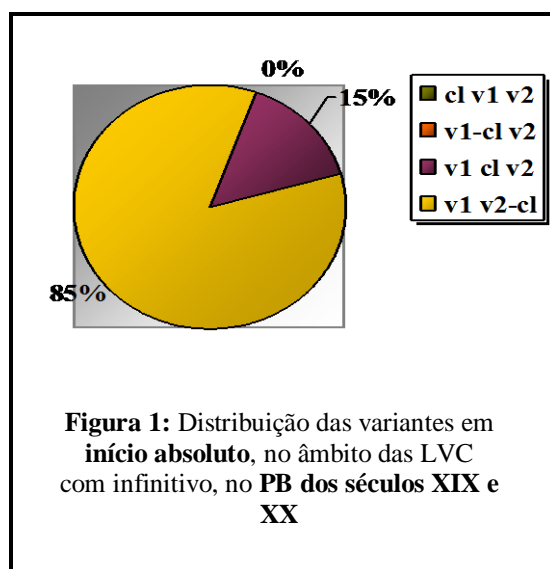
Tendo em vista o comportamento particular dos pronomes átonos em contextos de início absoluto de período/oração (Ex.: “*Há de se misturar*, ninguém pode impedir.” [JAm-PB-LVC-52]), em que tradicionalmente não se prescreve a variante pré-LVC, decidiu-se separar esses ambientes daqueles em que os clíticos pronominais não se encontram em início de período/oração, mas antecidos por algum elemento, que pode funcionar como um possível atrator/proclisador (Ex.: “Baleia [...] vigiava, aguardando a parte que *lhe iria tocar* [...].” [GrR-PB-LVC-42]). Isso porque o estudo pretende estabelecer uma análise da manifestação da ordem pré-LVC a partir da presença de um elemento proclisador, o que não seria possível em contextos de início de oração / período, devido à ausência de tais elementos.

Sob esses esclarecimentos, procede-se, a seguir, ao exame da ordem em contextos de lexias verbais complexas a partir de dados da variedade brasileira do Português Literário dos séculos XIX e XX, discriminando-se ambientes de início absoluto e domínios integrados por um possível elemento proclisador isentos de posição inicial absoluta.

4.1 A colocação pronominal no âmbito das Lexias Verbais Complexas com infinitivo

4.1.1 Contexto de início absoluto de período/oração (isentos de elementos proclisadores)

Os índices representados abaixo dizem respeito à distribuição das variantes em domínio de início absoluto, no que concerne ao PB dos séculos XIX e XX:



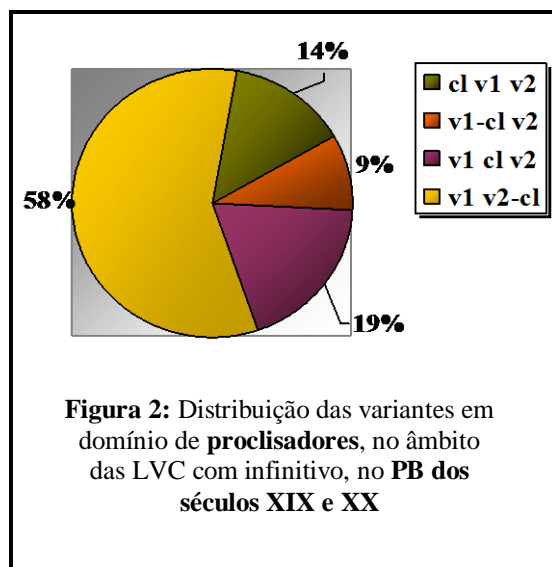
A figura exposta permite verificar que, na variedade brasileira do Português, além da colocação pós-LVC, somente a variante intra-LVC sem hífen se concretiza. Como forma de ilustrar as posições registradas, leiam-se, abaixo, os seguintes exemplos:

Ex.: [...] o cidadão esbarrava com uma daquelas solenes figuras, que, desdobrando junto dele uma folha de papel, *começava a lê-la* em tom confidencial! [MAA-PB-LVC-19]

Ex.: Não *quis se levantar*, mas acertou bem os ouvidos. [JLR-PB-LVC-42]

4.1.2 Contextos integrados por elementos “proclisadores” (isentos de início absoluto)

O gráfico subsequente corresponde à colocação dos clíticos em ambientes constituídos de possíveis elementos proclisadores, no que respeita aos dados de colocação do PB verificado em ambos os séculos mencionados.



Os registros contemplados em domínio dos possíveis elementos proclisadores confirmam a variante pós-LVC como posição mais frequente nos romances brasileiros do período de tempo discriminado. Reiterem-se as considerações estabelecidas no início desta seção de resultados a propósito da colocação intra-LVC sem hífen (**v1 cl v2**) – considerada como a variante inovadora, característica do PB.

Após as ponderações pertinentes à ordem dos clíticos em contextos de complexos verbais observados em ambientes de início absoluto e de proclisadores, realiza-se o exame da ordenação dos pronomes em face de determinados grupos de fatores de cunho extralinguístico e linguístico oportunos à compreensão do fenômeno sob estudo.

4.2 Análise dos dados a partir do grupo de fatores extralinguístico *época/fase de publicação das obras adotadas*

Em consideração aos contextos constituídos de elementos proclisadores isentos dos inícios absolutos de período/oração, apresenta-se, a seguir, a evolução das linhas gráficas representativas das variantes para o PB:

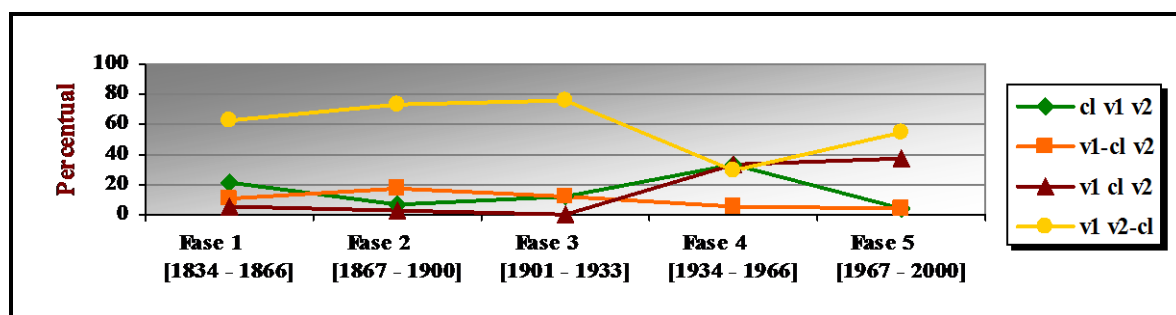


Figura 3: Distribuição das variantes em contexto de **proclisadores**, no âmbito das lexias verbais complexas com infinitivo do **PB dos séculos XIX e XX**

A presente esquematização – no que tange aos contextos integrados por proclisadores – indica, no decorrer dos séculos XIX e XX, índices superiores da variante pós-LVC, revelando um decréscimo a partir da segunda metade da fase 3 que culmina em percentuais inferiores em relação às variantes pré-LVC e intra-LVC sem hífen em meados da fase 4. Registre-se que, desse período em diante, a ordem pós-LVC, novamente, assume acréscimos percentuais até a fase 5, na qual se mantém, mesmo com um sutil percentual de diferença, mais frequente do que a variante intra-LVC sem hífen. As posições **v1 v2-cl** e **v1 cl v2** – as duas primeiras instâncias de opção pela ordem no PB nos fins do século XX – justificam os ínfimos valores de **cl v1 v2** nesse mesmo período.

4.3 Análise dos dados a partir de variáveis linguísticas

Ressalta-se, aqui, a influência das variáveis linguísticas “*possível elemento proclisador*” bem como “*tempo e modo das formas (semi-)auxiliares*”, por meio de índices percentuais obtidos em contextos de proclisadores sem os chamados inícios absolutos. Convém esclarecer que a análise quantitativa da ordem no âmbito dos complexos verbais não se efetua a partir de valores relativos devido aos poucos números de dados colhidos de clíticos em contexto de construções verbais complexas.

4.3.1 Frequência das variantes segundo os possíveis elementos proclisadores

Para a compreensão do grupo de fatores em destaque, exibem-se os seguintes números percentuais:

Possível elemento proclisador em dados de Lexias Verbais Complexas com infinitivo ³					
Variedade		Português do Brasil Séculos XIX e XX			
Variantes	Fatores	Pré-LVC cl v1 v2	Intra-LVC v1-cl v2	Intra-LVC v1 cl v2	Pós-LVC v1 v2-cl
SN sujeito		0%	14%	7%	79%
Conjunções coordenativas		0%	36%	14%	50%
Adv canônicos [aqui, cá, já, lá] e Operadores de foco [Ex.: apenas, só, também (inclusão), até, mesmo, ainda]		30%	0%	30%	40%
Adv não-canônicos [sempre, depois, talvez, agora] e SAdv em –mente		33%	0%	0%	67%
Loc. adverbiais		0%	25%	0%	75%
Preposições		0%	0%	100%	0%
Vocábulo de negação		16%	0%	37%	47%

³ No quadro destacado, apresentam-se as frequências das variantes pelos fatores amalgamados por motivo dos escassos números de dados. O mesmo ocorre na tabela subsequente.

Elementos subordinativos	21%	5%	13%	61%
---------------------------------	-----	----	-----	-----

Tabela 2: Produtividade percentual das variantes em face dos fatores amalgamados da variável *possível elemento proclisador* em referência ao PB dos séculos XIX e XX, no âmbito das LVC

Perceba-se que, no PB, os três primeiros domínios nos quais se verificam os maiores registros de **cl v1 v2** são integrados por advérbios não-canônicos e com sufixo em *-mente* (33%), bem como por advérbios canônicos / operadores de foco (30%) e por elementos subordinativos em geral (21%).

Conforme se pode observar, o efeito dos elementos proclisadores em contexto de complexos verbais com infinitivo não fica evidente na variedade brasileira, diferentemente do que se costuma registrar (cf. SANTOS, 2010, por ex.) em domínio de lexias verbais simples – ambientes em que o clítico se posiciona em face de uma só forma verbal. No que concerne aos elementos citados, ressalte-se que os itens subordinativos – canonicamente apontados como proclisadores pela prescrição gramatical – exercem uma discreta atuação dentre os dados do PB.

A respeito da variante pós-LVC, cujo percentual de ocorrência é majoritário, verifica-se sua realização com maior frequência no PB em contextos de SN sujeito (79%), locução adverbial (75%) e advérbios não-canônicos (67%).

4.3.2 Frequência das variantes segundo a variável *tempo e modo das formas (semi-)auxiliares*

Analisem-se, de antemão, os índices percentuais obtidos:

Tempo e modo das formas (semi-)auxiliares em dados de Lexias Verbais Complexas com infinitivo					
Variedade		Português do Brasil Séculos XIX e XX			
Variantes	Fatores	Pré-LVC	Intra-LVC	Intra-LVC	Pós-LVC
		cl v1 v2	v1-cl v2	v1 cl v2	v1 v2-cl
Presente e pretéritos do indicativo		12%	12%	21%	55%
Futuros do indicativo		20%	0%	10%	70%
Tempos do subjuntivo		43%	0%	14%	43%
Imperativo		0%	0%	0%	100%
Infinitivo		0%	0%	33%	67%
Gerúndio		0%	0%	0%	100%

Tabela 3: Produtividade percentual das variantes mediante os fatores amalgamados da variável *tempo e modo das formas (semi-)auxiliares* em referência ao PB dos séculos XIX e XX, no âmbito das LVC

Os valores expostos permitem pontuar que as formas de imperativo, assim como as de gerúndio e de infinitivo se apresentam como domínio de frequência expressiva de **v1 v2-cl**.

No âmbito dos tempos do indicativo, os futuros se constituem como contextos de maior frequência da ordem pós-LVC.

O modo subjuntivo, no que concerne aos dados do PB, demonstra uma equivalente distribuição entre as colocações pré-LVC e pós-LVC.

5. Conclusão

Em face de todas as constatações evidenciadas ao longo do estudo promovido, sistematizam-se, nesta seção de caráter conclusivo, as ponderações que se julgam relevantes reiterar a propósito do tema da colocação pronominal na variedade brasileira do Português Literário dos séculos XIX e XX.

De modo a empreender a análise acerca do fenômeno da ordem em domínio de lexias verbais complexas, o presente estudo, por opção metodológica, optou por segmentar o conjunto de 191 registros de ordenação pronominal em três subgrupos de dados consoante a forma do verbo principal, se infinitiva (139 dados), gerundiva (23 dados) ou participial (29 dados). Tal segmentação tomou por base o comportamento diferenciado da colocação dos pronomes não só sugerido em compêndios gramaticais, mas também confirmado em estudos descritivos de amostras variadas. Em decorrência dessa metodologia, que gerou subamostras com número reduzido de dados por contexto estrutural controlado, decidiu-se, aqui, priorizar os índices percentuais de colocação em LVC constituídas de verbo principal no infinitivo.

A propósito dos aspectos verificados no âmbito das lexias verbais complexas infinitivas – observadas em 139 ocorrências no PB, considerando-se todos os contextos em conjunto –, certifique-se de que a variante pós-LVC ocorre com índices percentuais majoritários em face dos demais fatores da variável dependente analisada.

No que tange aos contextos de início absoluto de oração, é possível verificar que o PB registra, apenas, a manifestação de duas variantes, quais sejam: a colocação pós-LVC (85%) e a ordem intra-LVC sem hífen (15%) – avalizada como uma inovação da variedade brasileira, haja vista que a ordenação **v1 cl v2** não é registrada na história do Português (cf. PAGOTTO, 1992; GALVES, 2001; MARTINS, 2009).

A análise da ordem nos demais contextos (com elementos proclisadores canônicos e não-canônicos, separados ou em conjunto) permitiu observar que, de modo geral, o Português do Brasil não concretiza, em primeiro lugar, a subida de clítico (14%), registrando, em primeira instância, a opção pela variante pós-LVC (58%), seguida da ordem intra-LVC sem hífen (19%).

Quanto à distribuição dos dados pelas fases e séculos estipulados no decurso temporal, verifica-se que a variante **cl v1 v2** apresenta seus maiores valores de manifestação em ambiente integrado por proclisadores canônicos, ainda que, nesses domínios, a ordem pós-LVC se dê em valores mais elevados em quase todas as fases. Esse discreto efeito proclisador, averiguado no início do século XIX e retomado nos anos iniciais do século XX, intensifica-se na fase 4, apresentando certo declínio no fim do século XX. Nesse período, a norma literária brasileira impõe-se, fazendo com que coexistam, nas duas primeiras posições, as variantes pós-LVC e intra-LVC sem hífen.

Uma vez contemplados os índices percentuais obtidos com a investigação das variáveis linguísticas, sistematizam-se, doravante, as seguintes considerações.

No âmbito do grupo de fatores “*possível elemento proclisador*”, não se pode atestar a evidente atuação dos elementos proclisadores no contexto de complexos verbais com infinitivo. A título de ilustração, ambientes com elementos de negação – que costumam se manifestar como fortes “atratores” – exibem mais a ordem pós-LVC em comparação à colocação pré-LVC.

Acerca dos elementos controlados, os itens subordinativos – canonicamente apontados como proclisadores – revelam certa atração ainda que tênue. O PB não só exhibe

o efeito proclizador de forma discreta, como também revela, em certa medida, a atuação de elementos não-canônicos (advérbios não tradicionais e com sufixo em *-mente*) ao lado de canônicos (advérbios / operadores de foco e elementos subordinativos) no processo de subida de clíticos pronominais.

Mediante a variável “*tempo e modo das formas (semi-) auxiliares*”, é possível verificar que os tempos do indicativo demonstram uma atuação neutra quanto ao evento de colocação. A respeito dos tempos do subjuntivo, a colocação proclítica a v1 distribui-se na mesma proporção que a pós-LVC. No que toca às demais formas, a escassez de ocorrências não permite esboçar qualquer generalização.

Por todas as ponderações efetuadas, ressalte-se que esta investigação permite atestar, a propósito do tema da colocação pronominal, que os romances brasileiros evidenciam, em certa medida, as regras prescritas nos manuais normativos, embora não revelem o pleno cumprimento das propostas tradicionais. Isso posto, constata-se que os resultados desta pesquisa sugerem certo grau de incompatibilidade entre as normas subjetiva e objetiva do que se considera a escrita culta padrão do Português do Brasil.

6. Referências Bibliográficas

BECHARA, Evanildo (2003). *Moderna gramática portuguesa*. 37^a ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna. [1928]

BOSI, Alfredo (2007). *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley (2001). *Nova gramática do português contemporâneo*. 3^a ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

GALVES, Charlotte (1987). A sintaxe do português brasileiro. *Ensaio de Linguística* 7(13): 31-50.

____ (2001). *Ensaio sobre as gramáticas do Português*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

GUY, Gregory R. & ZILLES, Ana. (2007). *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial.

KLAVANS, Judith L. (1985). The independence of Syntax and Phonology in cliticization. *Language* 61(1): 95-120.

____ (1995). *On clitics and cliticization: the interaction of morphology, phonology, and syntax*. New York & London: Garland Publishing.

LABOV, William (1966). *The social stratification of English in New York Center*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics.

____ (1972). *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

____ (1994). *Principles of linguistic change*. Oxford, Cambridge: Blackwell.

____ (2003). Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B. & TUCKER, G.R. (eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell Publ.

LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro (1975). “Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de auxiliaridade”. In: *Análises lingüísticas*. Petrópolis: Vozes. p. 27-91.

LUCCHESI, Dante (2004). *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da lingüística moderna*. São Paulo: Parábola Editorial.

- MACHADO VIEIRA, Marcia dos S. (2004) *Perífrases verbais: o tratamento da auxiliaridade*. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues e BRANDÃO, Silvia Figueiredo (orgs.). *Morfossintaxe e ensino de português: reflexões e propostas*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ.
- MARTINS, Marco Antônio (2009). *Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (Tese de Doutorado).
- NUNES, Carla da Silva (2009). *Um estudo sociolinguístico sobre a ordem dos clíticos em complexos verbais no PB e no PE*. Faculdade de Letras: UFRJ. (Dissertação de Mestrado).
- PAGOTTO, Emílio Gozze (1992). *A posição dos clíticos em Português: um estudo diacrônico*. Campinas, SP: UNICAMP. (Dissertação de Mestrado).
- _____ (1998). Norma e condescendência; ciência e pureza. *Línguas e instrumentos lingüísticos* 2: 49-68.
- PERINI, Mário A. (2001). *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática. [1995]
- PONTES, Eunice (1973). *Verbos auxiliares em Português*. Petrópolis: Vozes.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da (2005). *Gramática normativa da língua portuguesa*. 44^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio.[1972]
- SANTOS, Daniely Cassimiro de Oliveira (2010). *Análise diacrônica da colocação pronominal nas variedades brasileira e européia do Português Literário: um estudo segundo o conjugado "Variação-Mudança & Cliticização*. Faculdade de Letras: UFRJ (Dissertação de Mestrado).
- SCHEI, Ane (2003). *A colocação pronominal do português brasileiro: a língua literária contemporânea*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (2004) *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- TARALLO, Fernando (1985). *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática.
- VIEIRA, Silvia Rodrigues (2002). *Colocação pronominal nas variedades européia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em Português*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. (Tese de Doutorado)
- _____ (2003). Análise de variedades do Português: a ordem dos clíticos em complexos verbais. In: *Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. p.221-229.
- _____ (2004). O ensino da colocação pronominal: prescrição e uso. In: VIEIRA, S. R. & BRANDÃO, S. F. (org.) *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ; In-Fólio, 2004. p. 179-206.
- _____ (2007). Colocação pronominal. In: VIEIRA, S. R. & BRANDÃO, S. F. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto. p. 121-146.
- _____ (2008). Um percurso pelos séculos XIX e XX: a cliticização pronominal em textos jornalísticos brasileiros e portugueses. In: *XV Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina*. Montevideo (Uruguai): ALFAL (Meio de divulgação: CD)
- WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. I. (1968). *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*. Austin-London: University of Texas Press.

_____. Trad. Marcus Bagno (2006). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola.

ZWICKY, Arnold M.(1977). *On clitics*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club.

—— (1985). Clitics and particles. *Language* 61(2): 282-305.

—— & PULLUM, Geoffrey K. (1983). Cliticization vs inflection: English n't. *Language* 59: 502-513.